

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO — 6

Nélson Jahr Garcia

BIOGRAFIA DO AUTOR — 10

O INGÊNUO

CAPÍTULO I — 13

Como a prior de Nossa Senhora da Montanha e a senhorita sua irmã encontraram um hurão.

CAPÍTULO II — 24

O hurão, chamado o Ingênuo, é reconhecido por seus parentes.

CAPÍTULO III — 31

O hurão, chamado o Ingênuo, é convertido.

CAPÍTULO IV — 36

O Ingênuo batizado.

CAPÍTULO V — 41

O Ingênuo enamorado.

CAPÍTULO VI — 47

O Ingênuo chega à casa de sua amada e fica deveras furioso.

CAPÍTULO VII — 52

O Ingênuo repele os ingleses.

CAPÍTULO VIII — 57

O Ingênuo vai à Corte. Janta em caminho, com

huguenotes.

CAPÍTULO IX — 61

Chegada do Ingênuo a Versalhes. Sua recepção

CAPÍTULO X — 67

O Ingênuo encarcerado na Bastilha com um
jansenista

CAPÍTULO XI — 75

Como o Ingênuo desenvolve o seu espírito

CAPÍTULO XII — 80

O que pensa o Ingênuo das peças de teatro.

CAPÍTULO XIII — 84

A bela St. Yves vai a Versalhes.

CAPÍTULO XIV — 92

Progressos do espírito do Ingênuo.

CAPÍTULO XV — 96

A bela St. Yves resiste a propostas delicadas.

CAPÍTULO XVI — 101

Ela consulta um jesuíta

CAPÍTULO XVII — 105

Ela sucumbe por virtude

CAPÍTULO XVIII — 109

Ela liberta o noivo e um jansenista.

CAPÍTULO XIX — 114

O Ingênuo, a bela St. Yves e seus parentes se
reúnem

CAPÍTULO XX — 125

A morte da bela St. Yves suas conseqüências.

O INGÊNUO

(História verdadeira, tirada dos manuscritos do padre Quesnel.)



VOLTAIRE

APRESENTAÇÃO

Nélson Jahr Garcia

O *Ingênuo* se insere na onda de indianismo característica de tantos romances que inundaram a França do século XVIII. De certa forma, contém uma crítica às idéias de J. J. Rousseau sobre o homem natural. *Ingênuo* é um hurão honesto e sincero, espantado com as ridículas convenções sociais; mas o texto conclui o oposto da concepção rousseauniana de volta à natureza.

A obra revela a peculiar sensibilidade crítica de Voltaire. Ataca o clero católico, principalmente os jesuítas, em relação aos quais nunca escondeu sua ojeriza. O Papa tampouco passa incólume. Nem deixa de ironizar os que se submetiam às normas da Igreja por simples temor ou pelo interesse de obter vantagens.

Há uma diferença na forma de desenvolver as idéias. Voltaire, geralmente, expressou suas concepções através de um humor mordaz, cáustico e irreverente. Não deixou de fazer isso, mas com parcimônia, dando ênfase a um estilo dramático em que se mesclam dor e melancolia.

A respeito da morte da amada de Ingênuo, assim se expressa o autor:

“O terrível silêncio do Ingênuo, seus olhos sombrios, seus lábios trementes, os frêmitos de seu corpo, incutiam, na alma de todos aqueles que o contemplavam, essa mescla de compaixão e terror que encadeia a alma, que impede a palavra e só se manifesta por frases entrecortadas. A dona da casa e sua família haviam acorrido; tremiam de seu desespero, guardavam-no à vista, observavam-lhe todos os movimentos. Já o corpo gelado da bela St. Yves fora carregado para longe dos olhos do Ingênuo, que ainda parecia procurá-la, embora não estivesse em condições de distinguir o que quer que fosse.”

Igualmente dramática é a conclusão a que chega Ingênuo, após ler sobre a História:

“Leu livros de História, que o entristeceram. O mundo lhe pareceu demasiado mau e demasiado miserável. A História, com efeito, não é mais que o quadro dos crimes e das desgraças. A multidão de homens inocentes e pacíficos sempre se apaga nesse vasto cenário. Os

principais papéis estão com os ambiciosos e os perversos.”

Sem mudar o conhecido estilo, não perde a irreverência de certas críticas. Sobre o clero menciona, por exemplo, o seguinte:

“O prior, já um tanto avançado em idade, era um excelente eclesiástico, muito amado pelos seus paroquianos, depois de o ter sido outrora pelas suas paroquianas.”

A crítica a certos costumes também não deixa de ser incisiva:

“O Ingênuo, segundo o seu costume, acordou com o sol, ao cantar do galo, que é chamado na Inglaterra e na Hurônia a trombeta do dia. Não era como a gente da alta, que enlanguesce num preguiçoso leito, até que o sol haja feito metade do seu curso, que não pode nem dormir nem levantar-se, que perde tantas horas preciosas nesse estado intermediário entre a vida e a morte, e ainda se queixa de que a vida é demasiado curta.”

Sobre o conhecimento adquirido através de estudos, a ironia é arrasadora, coloca nos lábios do velho Gordon a afirmação:

“Consumi cinqüenta anos em instruir-me — dizia ele consigo — e teimo não poder atingir o natural bom senso deste menino quase selvagem! Parece-me que apenas consegui fortalecer laboriosamente os preconceitos, ao passo que ele só escuta a simples natureza”

Com maiores ou menores mudanças no estilo, é o mesmo Voltaire, o pensador genial que nos leva a meditar sobre nossos hábitos, costumes, religiões e, não raro, a rir deles.

BIOGRAFIA DO AUTOR



FRANÇOIS-MARIE AROUET, filho de um notário do Châtelet, nasceu em Paris, em 21 de novembro de 1694. Depois de um curso brilhante num colégio de jesuítas, pretendendo dedicar-se à magistratura, pôs-se ao serviço de um procurador. Mais tarde, patrocinado pela sociedade do Templo e em particular por Chaulieu e pelo marquês de la Fare, publicou seus primeiros versos. Em 1717, acusado de ser o autor de um panfleto político, foi preso e encarcerado na Bastilha, de onde saiu seis meses depois, com a Henriade quase terminada e com o esboço do OEdipe. Foi por essa ocasião que ele resolveu adotar o nome de Voltaire. Sua tragédia OEdipe foi representada em 1719 com grande êxito; nos anos seguintes, vieram: Artemise (1720), Marianne (1725) e o Indiscret (1725).

Em 1726, em conseqüência de um incidente com o cavaleiro de Rohan, foi novamente

recolhido à Bastilha, de onde só pode sair sob a condição de deixar a França. Foi então para a Inglaterra e aí se dedicou ao estudo da língua e da literatura inglesas. Três anos mais tarde, regressou e publicou Brutus (1730), Eriphyle (1732), Zaïre (1732), La Mort de César (1733) e Adélaïde Duguesclin (1734). Datam da mesma época suas Lettres Philosophiques ou Lettres Anglaises, que provocaram grande escândalo e obrigaram a refugiar-se em Lorena, no castelo de Madame du Châtelet, em cuja companhia viveu até 1749. Aí se entregou ao estudo das ciências e escreveu os Eléments de le Philosophie de Newton (1738), além de Alzire, L'Enfant Prodigue, Mahomet, Mérope, Discours sur l'Homme, etc.

Em 1749, após a morte de Madame du Châtelet, voltou a Paris, já então cheio de glória e conhecido em toda a Europa, e foi para Berlim, onde já estivera alguns anos antes como diplomata. Frederico II conferiu-lhe honras excepcionais e deu-lhe uma pensão de 20.000 francos, crescendo-lhe assim a fortuna já considerável. Essa amizade, porém, não durou muito: as intrigas e os ciúmes em torno dos escritos de Voltaire obrigaram-no a deixar Berlim em 1753.

Sem poder fixar-se em parte alguma, esteve sucessivamente em Estrasburgo, Colmar, Lyon, Genebra, Nantua; em 1758, adquiriu o domínio

de Ferney, na província de Gex e aí passou, então, a residir em companhia de sua sobrinha Madame Denis. Foi durante os vinte anos que assim viveu, cheio de glória e de amigos, que redigiu *Candide*, *Histoire de la Russie sous Pierre le Grand*, *Histoire du Parlement de Paris*, etc., sem contar numerosas peças teatrais.

Em 1778, em sua viagem a Paris, foi entusiasticamente recebido. Morreu no dia 30 de março desse mesmo ano, aos 84 anos de idade.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

